

# **OS RETORNADOS DE XANGAI**

HISTÓRIAS DE PORTUGUESES DO ORIENTE

# **ANTÓNIO GAEIRO**

L I S B O A

TINTA-DA-CHINA

M M X X I I

## Índice

---

Nota sobre a grafia dos nomes chineses	9
Prólogo	II
O músico de <i>jazz</i> e a supermodelo	13
O romancista australiano e a filha do diplomata chinês	16
Nunca imaginaram que teriam de partir	18
Os primeiros retornados	20
«Éramos felizes»	22
Uma sociedade semicolonial	24
A Guerra do Ópio	27
Os tratados desiguais	31
Paraíso dos Aventureiros	33
Os pioneiros	35
O monopólio dos tipógrafos portugueses	37
O proletariado das colónias estrangeiras	39
Auto de fé em Macau	42
Portugueses euro-asiáticos	44
A primeira festa portuguesa	47
O maestro português da Filarmónica de Pequim	49
Outros pioneiros	51
Famílias com muitos filhos	53
Os Collaço Hockey Team	55
Dezenas de clubes e associações	57
A Companhia de Voluntários Portugueses	59
A tragédia do coronel Mesquita	61
Ciência e democracia	63
Uma época de ouro e de pólvora	65
A antecâmara do Paraíso	67
Tropas portuguesas nas ruas de Xangai	69
Só os mais velhos falavam português	71

A visita de inspeção do general Gomes da Costa	73
A Comuna de Xangai	75
Uma nova guerra civil	79
A capital asiática do <i>jazz</i>	82
Uma missão feliz	84
Jorge de Sena, Estaline e Trotsky	86
Os russos e as russas	88
A invasão japonesa	90
O primeiro êxodo	93
A Escola Portuguesa	96
Gângsteres no paraíso	99
Campeões de futebol	102
Sem peso económico nem político	104
Os estrangeiros começam a sair	106
Amor sob uma chuva de morteiros	108
A Mocidade Portuguesa de Xangai	111
A ambígua neutralidade de Portugal	113
O cônsul salazarista e pró-japonês	115
O Japão capitula, a China entre as grandes potências	117
Portugal e o fim dos direitos especiais	119
A paz não durou muito, a velha Xangai estava a acabar	121
Comunistas e nacionalistas de novo em guerra	123
A Portuguese Residents Association	125
Primeiros refugiados evacuados de avião	127
A entrada do Exército Vermelho	130
O <i>General Gordon</i> e o <i>Marechal Joffre</i>	133
A secretária do barão Robert Rothschild	136
Partir para sempre	138
A escritora luso-americana inédita em Portugal	140
Plano de evacuação para as colónias africanas	142
Um padre sinólogo condenado à morte	145

Portugueses entre aspas	148
A associação portuguesa queixa-se à Cruz Vermelha	151
Encerramento do consulado	153
A despedida do cônsul	155
Refugiados em Macau	157
Clementina morre atropelada em Rio de Mouro	160
A caminho da Terra Prometida	162
A grande mestre de <i>bridge</i>	165
Portugal e a América	167
Ninguém tinha bilhete de identidade	169
Os Açores e a China de sempre	171
A Chinatown de Lisboa e a Casa Xangai	173
Regresso ao passado	175
A Old Jazz Band do Peace Hotel	177
Bill Clinton, Jorge Sampaio e Art Carneiro	179
O regresso de Macau à pátria	181
Uma nova era e uma velha palavra de ordem	183
Epílogo	185
Notas	187
Agradecimentos	199
Índice onomástico	201

## Prólogo

---

Em julho de 1991, o ministro da Educação de Portugal, Roberto Carneiro, visitou oficialmente a República Popular da China. O programa incluía uma deslocação a Xangai, descrita pelo protocolo chinês como «visita à terra natal de ancestrais do Senhor Roberto Carneiro». Foi assim que descobri que tinha havido uma comunidade portuguesa em Xangai — uma das muitas coisas que desconhecia acerca da China, país onde aterrara seis meses antes, enviado pela agência noticiosa Lusa.

Já não me lembro do que Roberto Carneiro contou sobre os encontros com o homólogo chinês, Li Tiejing, mas recordo-me bem da sua reação quando o questionei acerca da «visita à terra natal de ancestrais».

«Não escreva isso», gracejou. «Lá em Portugal vão logo dizer que vim aqui para passear.» Respondi no mesmo tom: «Não se preocupe. Diz-se isso de todas as visitas oficiais ao estrangeiro.» Roberto Carneiro riu-se. Um dos «ancestrais» era o seu próprio pai, o músico Art Carneiro, pioneiro do *jazz* em Portugal.

Antes de ir para Pequim, eu era correspondente em Cabo Verde. Não imaginava que ia viver 19 anos na China, acompanhando um processo de transformação social sem precedentes. Entre os repórteres estrangeiros, o sentimento geral era empolgante: estávamos a testemunhar «a maior história do nosso tempo». Um milagre económico nunca visto e «uma pilha de milagres individuais», como escreveu o romancista Yu Hua<sup>1</sup>.

O sistema político permanecia muito opaco. O governo continuava a reprimir os que ousavam criticá-lo publicamente. Tudo o resto estava a mudar, ou parecia querer mudar. *Bian Hua* («mudança») era a palavra-chave. «Mudo, logo existo», proclamava o título de uma exposição na Academia Central de Belas-Artes, em Pequim.

No intervalo de uma geração, um país pobre e atrasado tornou-se a segunda maior economia do planeta e em breve poderá ser

a primeira. Outro escritor, Yan Lianke, resumiu assim a vertigem em que um quinto da Humanidade estava a viver: «A China atravessa de forma precipitada uma série de marcos económicos e de desenvolvimento que a Europa e os Estados Unidos levaram mais de dois séculos a alcançar.»<sup>2</sup>

Para um repórter de agência, que é a infantaria do jornalismo, a cobertura da atualidade absorvia os dias e as noites, todos os dias. Mas a minha curiosidade acerca da antiga comunidade portuguesa de Xangai nunca desapareceu. Como a revelação de uma fotografia em câmara escura, a pouco e pouco, depois de muitas horas de entrevistas, de pesquisa em arquivos e de recordações diversas, mil e uma histórias começaram a emergir.